A Biblia da Humanidade

Antero de Quental



MUNDO DE LIBROS

Vista previa gratuita · Mundo de Libros · tiendamundodelibros.com

A Biblia da Humanidade

Antero de Quental

Edición digital de dominio público.
Texto original: Project Gutenberg.
Mundo de Libros

Produced by Pedro Saborano (produced from scanned images of public domain material from Google Book Search)

ANTHERO DE QUENTAL

ANTHERO DE QUENTAL

A BIBLIA DA HUMANIDADE

BARCELLOS

Typographia da _Aurora do Cavado_

Editor--_R. V._

1895

Tiragem apenas de 100 exemplares:

20 em papel de linho.

80 em papel d'algodão.

N.º___

Collaborou Anthero do Quental, assiduamente, em verso e prosa, com João de Deus e outros vultos litterarios da geração de 1864, no _Seculo XIX_, periodico que n'esse anno se publicou em Penafiel, sob o influxo e direcção de Germano Vieira Meirelles, seu condiscipulo na Universidade, como elle formado em Direito no anno de 1863, um dos mais pujantes e promettedores talentos d'essa geração, com cedo roubado ao renome que por certo conquistaria, se a vida lhe fôra mais longa, no mundo das lettras e da politica.

Entre outros escriptos de Anthero ahi sahidos, lugar mui saliente

occupa _A Biblia da Humanidade_, trabalho philosophico de ancha envergadura e largos horisontes, que pena é ter ficado incompleto.

Não obstante isto entendi que deveria elle entrar, por seu incontestado valor, na collecção, em que tão piedosamente ponho empenho, de todas as suas obras esparsas, e para o presente opusculo o traslado. Constitúe elle já o duodecimo da mesma collecção, e no intento proseguirei eu de a esta trazer tudo o que de Anthero se não ache publicado em volume sobre si.

Nenhum interesse material me açula n'este meu proposito, que nem um só dos exemplares de qualquer dos opusculos, que vou fazendo sahir a lume, é exposto á venda, mas apenas e só n'elle me anima o vehemente desejo de reunir e facilitar materiaes para uma edição completa da obra de Anthero do Quental, edição em que não ficarião, creio eu, na sombra e nem sequer na penumbra, alguns dos seus trabalhos ainda não reunidos em volume, e alguns até incompletos, tão radiosa a luz que d'elles resalta.

RODRIGO VELLOSO

A BIBLIA DA HUMANIDADE

I

Dentro do homem existe um Deus desconhecido, não sei qual, mas existe--dizia Socrates soletrando com os olhos da razão, á luz serena do ceu da Grecia, o problema do destino humano. E Christo com os olhos de fé lia no horisonte annuveado das visões do propheta esta

outra palavra de consolação--dentro do homem está o reino dos ceus. Profundo, altissimo, accordo de dois genios tão distantes pela patria, pela raça, pela tradicção, por todos os abysmos que uma fatalidade mysteriosa cavou entre os irmãos infelizes, violentamente separados, d'uma mesma familia! Dos dois polos extremos da historia antiga atravez dos mares insondaveis, atravez dos tempos tenebrosos, o genio luminoso e humano das raças indicas e o genio sombrio, mas profundo, dos povos semiticos, se enviam como primeiro mas firme penhor da futura unidade, esta saudação fraternal, palavra de vida que o mundo esperava na angustia do seu cahos--o homem é um Deus que se ignora.

Grande e soberana consolação a de ver essa luz de concordia raiar do ponto do horisonte aonde menos se esperava, de ver uma vez unidos, conciliados esses dois extremos inimigos, esses dois espiritos rivaes cuja luta entristecia o mundo, echoava como um tremendo dobre funeral do coração retalhado da humanidade antiga! Os combatentes no maior ardor da peleja, fitam-se, encaram-se com pasmo, e sentem as mãos abrirem-se para deixar cair o ferro fratricida. Estendem os braços... somos irmãos!

Primeiro encontro, santo e purissimo dos promettidos da historia! Manhã suave dos primeiros sorrisos, dos olhares timidos mas leaes d'esses noivos formosissimos, que o tempo aproximava assim para o casamento mysterioso das raças!

Não ha no mundo palacio do rei digno de lhes escutar as primeiras e sublimes confidencias! só um templo, alto como a cupola do ceu, largo como o vôo do desejo puro, como a esperança do primeiro e innocente ideal humano.

Esse templo tiveram-no. Naquella palavra de dois loucos se encerra tudo. Nenhuma montanha tão alta, aonde a olho nú se aviste Deus, como o vôo d'esta phrase, a maior revelação que jamais ouvirá o mundo--dentro do homem está Deus.--

II

Este facto unico, aos olhos dos que lêem a historia nas lettras impalpaveis mas luminosas das ideias, e não nos hieroglificos barbaros e confusos dos acontecimentos fataes, basta a explicar o misterio que segue tudo o que depois virá.

A adopção do ideal hebraico pelo genio grego: o christianismo, misterioso hospede oriental recebido com amor sob o tecto cheio de luz do Occidente; Jesus sentado entre os philosophos da Alexandria escutado e applaudido no Agora de Athenas; Christo descendo da sua cruz da Judea para, subindo ao Capitolio romano, estender os braços e tomar posse do mundo--este drama da fortuna inexplicada d'um Deus desconhecido, esta Odisseia das perigrinações da religião d'um mundo, acolhida, amada entre os cultos d'outro mundo tão distante--que ha em tudo isto d'incrivel? No dia em que Socrates exclamou «ha um Deus no homem» o primeiro arco da ponte extraordinaria estava lançado: ficou firme, sustido no fundo do oceano. Christo completou este caminho maravilhoso, lançou o segundo arco! Desde essa hora os filhos da Sára oriental podem atravessar de novo o Mar Roxo a pé enxuto: e a terra promettida, o occidente de doce e humana luz, cá está para os receber em seu seio vastissimo.

O milagre, o milagre verdadeiro, começara ha seculos--o ideal

commum--a unidade na aspiração. A realisação devia para ambos ser igual. A mesma prece deve subir ao mesmo céo. Egual desejo devia tarde ou cedo affirmar-se na mesma realidade. Maria é a irmã das Sybilas... Jesus por que não será então o irmão de Socrates? As differenças de genio, de raça, nada são aqui: o ideal commum, isso é tudo. E esse que assentou sobre a sua solida base a fé eterna da humanidade, a unidade dos corações, a verdadeira cidade de Deus! O christianismo creou a humanidade (no grande e verdadeiro sentido da palavra) mas foi a humanidade toda que o creou a elle, não o genio estreito d'uma raça.

Fundando a unidade divina, construiu a unidade humana mas os elementos da obra todos é que suscitarem o operario, é que o fizeram.

No dia em que Jesus se chamava a si Christo, n'esse dia deixou de ser judeu para se naturalizar homem. E o filho do homem--o filho da humanidade. Do desejo dos dois mundos brotou esse lyrio divino... mas o perfume que lhe sae do calix não ha templo bastante para o conter! Todo o ceu é essa cathedral: o templo de Jerusalem, o Parthenon e o Capitolio são naves, apenas, d'essa egreja universal!

III

Eil-a fundada em fim, idealmente, ao menos essa unidade, esse sonho milenario do mundo antigo! E quem dirá as dores, as lutas, as esperanças, as angustias de mil gerações esquecidas, cujas lagrimas regaram, e de cujo pó se alimenta ainda essa arvore d'immortal amor?

Innumeras raças extinctas passaram curvadas sobre a terra; crusaram no perigrinar de cem odisseias misteriosas, todos os continentes, para

que seus passos apenas deixassem como derradeiro vestigio sobre a face do globo as letras fatidicas d'esse epitafio de glorias, essa palavra unica--unidade! Tudo o mais é o segredo do tempo. Os seculos desconhecidos esconderam sob a dobra dos immoveis sudarios a memoria dos obreiros com o risco e os instrumentos do trabalho--e vê-se a prodigiosa obra anonima erguer-se recortando o perfil extranho no horisonte desmaiado do passado, como o vulto da esphinge incomprehensivel no ceu dos grandes desertos!

É a melancolia da historia! Por entre o canto das Epopeias antigas escuta-se a espaço o gemido surdo d'esse desconhecido e infeliz mundo de escravos sobre cujos hombros doridos os heroes assentavam as suas cidades de luz...

E os palacios heroicos da humanidade, que são as horas solemnes da sua inspiração, encobrem-nos tambem os peitos escuros mas fortes sobre que se ergueram esmagando os talvez, esses torreões de brilho!

Mas que importam os sacrificios? O carro de triumpho não se lembra da mina sombria d'onde sahiu o metal das rodas que o levam.

A obra do misterio, a cupula esplendida da historia antiga ergue-se e ninguem, sabe ahi por que mãos se ergue. Mas solida é a sua base, que nenhuma convulsão lançará por terra como o canto de granito nos alicerces do circo romano.

A estatua ideal da Fé humana achou emfim o pedestal de marmore immaculado, onde se firmem seus pés divinos--a consciencia da nobresa do destino do homem, a revelação da sua mesma divindade.

IV

Mas, esse Deus misterioso, que ceu o esconde nos paramos do ceu azul immensuravel? Que Sinai enubla a sua gloria? O seu altar em que monte o ergueram os profetas desconhecidos? Que rito é o seu--e em que taboas de marmore escreveu o fogo de cima a legenda prodigiosa de sua lei? No meio de nós por entre o tumultuar das gerações passa como o Deus antigo, por entre os combates da Iliada, e ao longe retumba o echo de suas passadas. E, emtanto, ninguem o vê. Só de longe a longe, algum profeta desce das solidões a mostrar ao mundo a palidez de suas faces emagrecidas, seus olhos cavos e fixos, da fixidez assustadora das visões, como testemunho de ter entrevisto na sua noite um raio d'essa gloria que o deslumbrou e consumiu.

É o absoluto que deixa nas mãos do homem, que o tentou prender na sua fuga eterna, um fio apenas da sua tunica de brilho. Mas esse fio é um raio de tal luz, que basta a alumiar o trabalho de muitos seculos!

Toma-o nas mãos Moisés, mostra-o ao mundo, e chama-se Jehová. Ergue-o Mahomet entre os povos e chama-se Alláh. Deixa-o Christo cair do alto da sua cruz, e chama-se amor. De cima d'uma guilhotina o atira Robespierre para o meio das multidões e chamam-lhe Direitos do homem e Revolução. E Hegel, levantando a cabeça de sob as ondas immoveis e tristes da abstração, lança nos ventos, que a levam ao mundo, esta palavra--Ideia!

O que revela cada profeta não é o Deus eterno, o Absoluto dominador, entre cujos braços se contém o universo, não confuso e multiforme nas mil apparencias do relativo, mas na verdade ideal da sua essencia--o ser puro.--Esse poderia por ventura, afirmal-o a creação toda, os soes e os insectos, o espirito e a materia; o visivel e o

invisivel, o certo e o possivel, se um dia, esquecendo ao movimento lançar o metal ardente de suas creações nos moldes da variedade, se precipitasse todo sobre o seu centro ideal assumindo emfim a consciencia plena da sua universalidade.

Mas o homem não afirma nada mais além da sua mesma alma? E esse vulto immenso a que ainda chamam Deus, é apenas a sombra do ideal humano, que acha o mundo estreito e se alarga pelo espaço. Concebe o absoluto nos limites da sua relatividade.

Por seus mesmos passos mede o caminho do infinito. E, nos ultimos limites aonde alcança o seu pensamento, ergue elle as ballizas extremas do possivel. As religiões são os marcos successivos das mais longas corridas do seu desejo no caminho do infinito: mas não são o termo d'essa estrada que se perde nas nevoas do inatingivel e cujos desvios ultimos pé algum pôde ainda pisar.

É por isso que os Deuses morrem, se succedem e transformam. Vê-se o fim d'essas eternidades--e o homem que as creára para perder cá a incerteza do seu transitorio destino, o homem, o seu coração, o seu ideal, sobrevive-lhes, é elle quem parece eterno ao pé d'esses absolutos passageiros!

Mas que importa esse Deus que nenhum olhar pôde ainda descobrir no deserto dos ceus, se d'um ceu interior, tão puro e tão bello, sae para cada ouvido attento uma voz divina, e uma sybilla misteriosa deixa cair dos labios palavra a palavra, o oraculo successivo do destino dos homens?

Se a alma cria deuses e, respirando, espalha o infinito em volta de si--é que lá dentro alguma cousa infinita se concentra e o divino se esconde para se manifestar dia a dia na revelação constante chamada

Hasta aqui llega la vista previa gratuita.

Sigue leyendo este libro completo en tu biblioteca:

compralo por $20 MXN o leelo con la Membresia ($149 / 30 dias).

tiendamundodelibros.com